

CONSTRUÇÕES MARCADORAS DISCURSIVAS FORMADAS POR *OLHAR*, NO PORTUGUÊS, E *GUARDARE*, NO ITALIANO: UMA ANÁLISE CONTRASTIVO-FUNCIONAL

Mariangela Rios de OLIVEIRA¹

Article history: Received 8 August 2023; Revised 6 October 2023; Accepted 30 October 2023; Available online 20 December 2023; Available print 31 December 2023.

©2023 Studia UBB Philologia. Published by Babeş-Bolyai University.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License

ABSTRACT. *Discourse markers formed by olhar in Portuguese and guardare in Italian: a contrastive-functional analysis.* Discourse markers (DM) make up a hybrid category and little distinct from the others. As elements outside grammar, these constituents are difficult to delimit and, therefore, difficult to analyze. Based on this consideration, adopting a functionalist theoretical framework combined with the constructional approach to grammar, in the terms of Traugott and Trousdale (2013), Hilpert (2014) and Traugott (2021, 2022), among others, we proceeded to an analysis of a qualitative and contrastive nature of MD formed by the verbs of visual perception (Scheibman 2000) *olhar*, in Portuguese, and *guardare*, in Italian, in the detection of their correspondences and distinctions. We assume such MDs as specific pairs of form and meaning in contemporary uses of Portuguese and Italian, as procedural constructions, such as [olha só] and [guarda un po'], respectively. We found that these MDs act in calling attention, in monitoring interaction via manipulation of the virtually idealized attentional space, due to communicative purposes, as defended by Sambrana (2021, 2023), for Portuguese, and Oliveira and Lazzarotto (2022), for Italian. We found that they contribute to this functionality of the MDs researched cognitive processes of general domain, according to Bybee (2010), such as chunking and analogization, and also social cognition, according to Diessel (2017).

¹ **Mariangela Rios de OLIVEIRA** é professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Professora visitante da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista de produtividade pelo CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj. Líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. Sócia honorária da Associação Brasileira de Linguística (Abralín). Desenvolve trabalhos sobre a morfossintaxe do português em perspectiva funcional e construcional, com foco nos processos de mudança linguística, cujos resultados têm sido publicados em artigos científicos e capítulos de livro da área. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Keywords: *discourse markers; contrastive analysis; contexts of use; contemporary Portuguese; contemporary Italian.*

REZUMAT. Marcatori discursivi formați cu olhar în portugheză și guardare în italiană: o analiză contrastiv-funcțională. Marcatorii discursivi (MD) alcătuiesc o categorie hibridă și diferită de celelalte. Ca elemente în afara gramaticii, acești constituenți sunt dificil de delimitat și, prin urmare, dificil de analizat. Pornind de la acest considerent și adoptând un cadru teoretic funcționalist combinat cu abordarea constructivă a gramaticii, în termenii lui Traugott și Trousdale (2013), Hilpert (2014) și Traugott (2021, 2022), printre alții, am realizat o analiză de natură calitativă și contrastivă a MD formați cu verbe de percepție vizuală (Scheibman, 2000) *olhar* (în portugheză) și *guardare* (în italiană), pentru a detecta corespondențe și diferențe. Astfel de MD constituie perechi specifice de formă și sens în utilizările contemporane ale limbilor portugheză și italiană, precum în construcții procedurale, ca *olha só* și, respectiv, *guarda un po'*. Am constatat că acești MD sunt folosiți pentru atragerea atenției, monitorizarea interacțiunii prin manipularea spațiului atențional virtual idealizat, datorită scopurilor comunicative, așa cum susțin Sambrana (2021, 2023), pentru portugheză, și Oliveira și Lazzarotto (2022), pentru italiană. Am constatat că la această funcționalitate a MD analizați contribuie procese cognitive de domeniu general, conform Bybee (2010), cum ar fi fragmentarea și analogia, dar și cogniția socială, conform Diessel (2017).

Cuvinte-cheie: *marcatori discursivi; analiză contrastivă; contexte de uz; portugheză contemporană; italiană contemporană.*

Introdução

Marcadores discursivos (MD) representam uma classe complexa e de difícil delimitação, integrada por membros formalmente distintos com papel na organização discursiva das interações, uma vez que atuam no nível pragmático da língua. Com base em tal consideração, adotando arcabouço teórico de vertente funcionalista aliado à abordagem construcional da gramática, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Traugott (2021, 2022), entre outros, procedemos a uma análise de natureza qualitativa e contrastiva de MD formados pelos verbos de percepção visual (Scheibman, 2000) *olhar*, no português, e *guardare*, no italiano, na detecção de suas correspondências e distinções. Assumimos tais MD como pares específicos de forma e conteúdo nos usos contemporâneos do português e do italiano, como construções procedurais²,

² Pares de conteúdo e forma com sentido mais gramatical, abstrato e lógico.

tais como [olha só] e [guarda um po'], respectivamente, nos termos de Traugott (2021, 2022).

Estamos nos referindo a contextos de uso como os seguintes, apresentados por Oliveira e Lazzarotto (2022, 31):

(1) *Olha*, eu confio em todos eles, eu... eu costumo assim analisar bem a pessoa quando (conheço) observo, estou atento a tudo, nos mínimos detalhes, se a pessoa teve assim com um dedinho de fora, eu vou olha aquele dedinho, tá entendendo? (PEUL³)

(2) Ehm va bene ultimissima domanda ti faccio una domanda // Anzi *guarda* faccio una cosa che non ho mai fatto perche' manca un minuto e quindi. // *Tudo bem ultimíssima pergunta* // *Aliás olha faço uma coisa que nunca fiz porque falta um minuto então.*⁴ (La Repubblica)

Como podemos observar, os termos destacados em (1) e (2) – *olha* e *guarda* – perdem traços de sua categoria fonte verbal e passam a atuar em prol da organização do discurso, num tipo de uso em que o locutor atua sobre o interlocutor, orientando a atenção deste para o que é veiculado, na tentativa de ganhar sua adesão. Assumimos aqui que, nesses contextos de uso, *olha* e *guarda* atuam como MD, partilhando propriedades dessa classe pouco distinta, em termos categoriais, com atuação no nível pragmático da língua. Consideramos também que os contextos de uso ilustrados em (1) e (2) evidenciam a atuação de processos cognitivos de domínio geral⁵, como referidos por Bybee (2010) e Diessel (2017).

Com base em pressupostos funcionalistas aliados à abordagem construcional da gramática, conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, consideramos que os MD são construções, ou seja, pares convencionalizados de forma e conteúdo, atuantes no plano procedural da gramática, mais especificamente no nível pragmático-discursivo.

Nosso objetivo é levantar, descrever e analisar comparativamente MD integrados por *olhar* (no português) e *guardare* (no italiano) na sincronia atual destas línguas. Para tanto, partimos da proposta de classificação dessa categoria assumida por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), consubstanciada em quatro propriedades básicas, como listadas na seção sobre fundamentos teóricos apresentada mais à frente.

Em termos metodológicos, procedemos a uma análise de viés qualitativo, com base em Cunha Lacerda (2016), com foco na interpretação dos contextos

³ Fragmento extraído do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disponível em <https://peul.letas.ufrj.br/>

⁴ Nos dados do italiano, inserimos a tradução em português logo após, em itálico.

⁵ Os processos referidos são tratados na seção *Fundamentos teórico-metodológicos* deste texto.

de uso do português e do italiano. Nessa análise, privilegiamos o tratamento contrastivo dos MDs pesquisados, em termos de suas propriedades correspondentes e distintivas, numa abordagem de viés translinguístico que intenta demonstrar que a marca semântica da percepção visual (cf. Scheibman 2000) em *olhar*, no português, e *guardare*, no italiano, concorre para que tais elementos verbais passem a atuar como MD.

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo se distribui em mais cinco seções. Na primeira, nos dedicamos à definição e às propriedades da classe dos MD, no destaque para a feição prototípica e híbrida dessa categoria. As formas verbais *olhar* e *guardare* são o tema da segunda seção, com foco nos traços semânticos e na mudança linguística⁶ destes constituintes que derivam em polissemia e conseqüente passagem para a classe dos MD. Na terceira seção, apresentamos os fundamentos de ordem teórico-metodológica que alicerçam nossa pesquisa, voltados para o tratamento funcional-constitucional dos MD. A quarta seção é dedicada à análise contrastiva dos contextos de uso em que *olhar*, no português, e *guardare*, no italiano, atuam como MD, pareados ou não a outros elementos. Na seção seguinte, tecemos nossas considerações finais, discutindo os resultados obtidos e o que o tratamento contrastivo dos objetos pesquisados pode apontar em termos das tendências funcionais translinguísticas detectadas no português e no italiano, bem como da atuação de processos cognitivos gerais em tais usos. Por fim, elencamos as fontes que nos servem de referência.

A classe dos marcadores discursivos (MD)

Por atuarem no nível pragmático-discursivo da língua, não integrando a estrutura sintática em termos estritos, os MD não são objeto de descrição da tradição gramatical. Na verdade, em termos linguísticos, a pesquisa dos MD mais efetiva se inicia no final do século XX, a partir de fontes como Schiffrin (1987) e Fraser (1988, 1990), entre outros.

Além de terem recebido atenção mais tardia dos estudiosos da língua, os MD se distinguem dos demais componentes gramaticais por constituírem um conjunto complexo de membros, no destaque de seu perfil prototípico. A complexidade aludida, enfatizada pelas subfunções de grupos específicos de MD, motiva a distinta nomeação que essa classe tem recebido. Assim, num rápido levantamento, registramos os seguintes rótulos: *marcadores pragmáticos* (Fraser, 1988), *pontuantes* (Vincent, Votre e Laforest, 1993), *elementos discursivizados*

⁶ De acordo com a perspectiva sincrônica deste artigo, a mudança linguística é tratada como gradiência, nos termos de Bybee (2010), assim, assumimos que convivem nos usos contemporâneos padrões convencionizados em sincronias distintas.

ou *desgramaticalizados* (Martelotta, Votre e Cezario, 1996), *adverbiais de ligação* (Biber *et al.*, 1999), *suplementos* (Huddleston, Pullum e Peterson, 2002), *marcadores conversacionais* (Ilari, 2002), *conectores metatextuais de segmentos do discurso* (Traugott, 2021), entre outros.

No Brasil, uma das pesquisas mais amplas e consistentes acerca dos MD é a desenvolvida a partir dos dados de língua falada concernentes ao Projeto Norma Urbana Culta (NURC)⁷, como se sintetiza em Risso, Oliveira e Urbano (2015). Esses autores definem os MD como

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. (Risso, Oliveira e Urbano 2015, 371)

Para a pesquisa dos MD nos textos falados do NURC, Risso, Oliveira e Urbano (2015, 373) fixaram e testaram dez variáveis: padrão de ocorrência, articulação de segmentos do discurso, orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, apresentação formal, relação sintática com a estrutura gramatical da oração, demarcação prosódica, autonomia comunicativa e massa fônica.

Em cada uma dessas variáveis, foi medido o percentual de incidência nos MDs pesquisados, com vistas à fixação dos chamados *traços definidores* da categoria. Aplicados os testes, somente duas, das dez variáveis, não se mostraram relevantes: articulação de segmentos do discurso e orientação da interação. Como resultado da metodologia utilizada, os MD levantados nos textos do NURC foram distribuídos em dois conjuntos: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*.

De acordo com tal classificação, nossos objetos de pesquisa – os MD formados por *olhar* e *guardare* – situam-se no grupo dos basicamente sequenciadores, uma vez que atuam como “segmentos prefaciadores, proferidos pelo locutor como formas especiais de adiantamento de um conteúdo tópico, durante a interação” (Risso, Oliveira e Urbano 2015, 429). Voltando nossa atenção aos contextos (1) e (2), apresentados na seção introdutória deste artigo, constatamos que, de fato, os MD destacados concorrem para que o locutor atue sobre o interlocutor na orientação da atenção para o que será declarado, com vistas a sua adesão.

⁷ Informações sobre o Projeto NURC – Rio de Janeiro no site: <https://nurcrj.letas.ufrj.br/>

No âmbito de nossa comunidade acadêmica, o Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF⁸, a pesquisa dos MD tem recebido especial atenção. Uma das definições dessa categoria que também levamos em conta é a seguinte:

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso (...) (Teixeira 2015, 45)

Como podemos observar pelos rótulos e definições apresentados nesta seção, os MD constituem uma classe complexa e de difícil conceituação. Diante desse quadro, optamos por assumir mais efetivamente a proposta de Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), sumarizada em quatro propriedades gerais capazes de definir os MD: atuação fora do eixo sintático, pauta prosódica própria, estrutura fixa e atuação no nível discursivo, com foco em estratégias de negociação de sentido inferencial e em propósitos comunicativos específicos, entre outros. Com base nessas quatro propriedades, conforme os autores, é possível fixar o que define, em termos gerais e prototípicos, um MD, a par das subfunções que cada membro desta categoria poder assumir.

Se voltarmos aos contextos de uso (1) e (2), anteriormente ilustrados, constatamos que os MD destacados contemplam tanto as definições de Risso, Oliveira e Urbano (2015) e de Teixeira (2015), quanto as propriedades estabelecidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). Tal condição ratifica o papel de *olha* e *guarda*, nos contextos referidos, como o de atuação fora do eixo sintático oracional, voltado para a organização discursiva, no nível pragmático da língua, dado que se destituem dos traços verbais de sua categoria fonte, assumindo função em outro plano gramatical. Essa expressão de sentido mais abstrato e metaforizado vai ao encontro do traço de intersubjetividade, nos termos de Traugott e Dasher (2002), que marca a classe dos MD, uma vez que sua função se volta para a negociação de sentidos entre os atores da interação, no convencimento, na defesa de pontos de vista, valores e crenças, entre outros.

A classe dos MD também recebe de Traugott (2021, 2022) tratamento mais específico. A autora compreende esse grupo como pertencente ao conjunto maior dos *marcadores pragmáticos*, estes distribuídos em três subgrupos, acompanhados aqui de exemplos do português: a) os sociais, como *bem* e *então*; b) os epistêmicos, como *sabe lá* e *sei lá*; c) os discursivos, como *a propósito* e *quer dizer*. Para Traugott (2021), duas propriedades marcam os marcadores

⁸ Informações sobre o Grupo *Discurso & Gramática* – UFF no site: <https://deg.uff.br/>

pragmáticos: estão fora da sintaxe oracional e têm sentido pragmático convencionalizado, com forte papel intersubjetivo, como verificamos também em *olha* e *guarda* nos contextos (1) e (2), anteriormente exemplificados.

No italiano, Molinelli (2013) destaca o papel dos MD para as estratégias de (re)orientação da interação, com redução do esforço cognitivo de locutores e interlocutores, no convite ao partilhamento de pontos de vista, crenças e valores. Ghezzi (2012) igualmente enfatiza o sentido procedural desses constituintes e seu papel fundamental para a natureza interativa da organização do plano discursivo da língua.

Olhar e guardare – de verbo para MD

De acordo com a classificação semântica de Scheibman (2000), nossos objetos de pesquisa são formados a partir de bases verbais veiculadoras de conteúdo perceptivo, mais especificamente de tipo visual. Tais verbos têm como fonte contextos de uso em que atuam como núcleo de predicado verbal, tais como:

(3) Pois é, aqui é essa pracinha que vocês estão vendo, não é? E esses senhores, que são os trabalhador aqui, pertence lá o "darque", lá é o "darque", sabe que lá é o "darque"? Lá é uma área de lazer linda, tem... tem parque, tem as praia nos fundo, tem lá o almirante, *olha lá*, o almirante é aquilo lá em cima. Ele é um caracol, o senhor vai andando até chegar em cima ele ficar estreitinho, lindo! Lá dá para vocês ver a ilha, ver um pouco, lá, a cidade. É lindo, lindo mesmo! (PEUL)

(4) *Guarda* le barche che dondolano, vecchie e arrugginite, e dice: 'Si potrebbero spostare nel porto nuovo, risanare l' area, attrezzarla e farne un angolo di paradiso per i velisti (...)/ *Olha os barcos que balançam, velhos e enferrujados, e diz: "Poderiam ser movidos para o porto novo, limpar a área e fazer dela um canto de paraíso para os velejadores".* (La Repubblica)

Como podemos observar, *olha*, em (3), e *guarda*, em (4), atuam como verbos transitivos de percepção visual. Usados no imperativo, ambos os verbos dirigem o olhar de um interlocutor específico, no apontamento para ponto dêitico espacial. Dessa forma, em (3), "o almirante é aquilo lá em cima" constitui o ponto para o qual a atenção do interlocutor deve se voltar, reforçado pelo pronome locativo *lá*; já em (4), o convite é para que o interlocutor concentre seu olhar nos "le barche che dondolano".

Verbos de percepção visual em enunciados de comando, como ilustrados em (3) e (4), são eficazes em originar MD em várias línguas. Tal propensão se deve, em parte, à semântica desses verbos, uma vez que não são tão prototípicos se comparados a outros, que, em geral, denotam ação e se enquadram no centro da categoria verbal. A não prototipicidade de *olhar* e *guardare* pode ser atestada pelo tipo de sujeito que selecionam, classificado como experienciador, e pelo objeto que os complementa, que não sofre mudança ou impacto.

Esse tipo especial de transitividade verbal de *olhar* e *guardare*, a partir da expressão do sentido de *captação de uma imagem com os olhos*, como ilustramos em (3) e (4), é ponto de partida para mudanças linguísticas que derivam nos MD aqui tratados, como evidencia Sambrana (2021, 2023) para o português. Por intermédio de ambiguidades ao nível do conteúdo e da forma, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), e de estratégias de *inferência sugerida*⁹, conforme Traugott e Dasher (2002), chegamos à *chamada de atenção orientada para o interlocutor*.

Conforme Sambrana (2021, 2023), nos MDs pesquisados, detectamos o trajeto do domínio da visualização efetiva para a visualização virtual, confirmando a rota de mudança linguística clássica dos estudos funcionalistas, como assumida por Hopper e Traugott (1993), entre outros. De acordo com essa trajetória metafórica, nos apropriamos de conteúdos mais concretos, menos subjetivos e de categorias lexicais para, a partir daí, expressarmos sentidos mais abstratos e (inter)subjetivos, no nível pragmático-discursivo, como é o caso dos MD tratados neste capítulo.

Em termos da ordenação linear dos MD pesquisados no italiano, em termos metonímicos, Oliveira e Lazzarotto constataam que:

o MD *guarda* é favorecido nos contextos de: I) dúvida em relação ao falante (posição inicial); II) significado adversativo (posição inicial); III) intenção do falante em tomar o turno (posição inicial); IV) introdução de discurso reportado (posição inicial); V) introdução de novo tópico (posição medial); VI) falante encontra-se numa situação embaraçosa da qual deseja sair rapidamente (posição final); VII) surpresa por parte do falante (ocorre sozinho). (2021, 35)

Em virtude das limitações de espaço deste artigo, não tecemos considerações acerca da funcionalidade de *guarda* como MD relacionada a sua ordenação na oração.

⁹ Nossa tradução para o original *invited inference*, relativo ao convite inferencial estabelecido nas interações, através do qual locutores sugerem a seus interlocutores a partilha de pressupostos, pontos de vista e opiniões.

Fundamentos teórico-metodológicos

Na pesquisa aqui apresentada, nos apropriamos dos pressupostos teóricos do Funcionalismo aliados à abordagem construcional da gramática, tal como se encontra em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Traugott (2021, 2022). No Brasil, esse aparato teórico é assumido em Oliveira e Rosário (2015), Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira e Cezario (2017), entre outros.

De acordo com o viés construcional do Funcionalismo, a língua é entendida como uma rede ou um conjunto organizado e hierarquizado de construções, à semelhança da concepção de *sistema* formulada por Saussure. As construções são entendidas como pareamentos convencionalizados e virtuais de forma e conteúdo (Goldberg 1995, 2006). Segundo Traugott e Trousdale (2013), esses pares vinculam simbolicamente dois eixos – o da forma e o do conteúdo, na fixação de uma nova unidade linguística, seja no nível do léxico ou da gramática, incluindo-se neste último a pragmática, espaço onde se situam nossos objetos de pesquisa.

No arcabouço teórico aqui assumido, os MD ilustrados nos fragmentos (1) e (2) são *construtos*, ou seja, instâncias de uso das construções [olha]_{MD} e [guarda]_{MD}, respectivamente. Tais pareamentos integram esquemas mais amplos que incluem outras construções MD, como [olha aqui] e [olha bem], na rede do português, ou [guarda qua] e [guarda um po’], no italiano.

Para Croft (2001), no pareamento construcional, ao eixo da forma correspondem propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, enquanto o eixo do conteúdo se divide em propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Em Traugott (2022), temos uma proposta de refinamento do que constituiria a propriedade pragmática construcional, elaborada no bojo de sua pesquisa sobre os *marcadores de estruturação do discurso*, entre os quais se incluem, como subtipos, os MD tratados neste artigo. Em sua proposta, a autora chama a atenção para o incremento da intersubjetividade como marca constitutiva desse grupo de elementos.

O refinamento de Traugott (2022) vai ao encontro do que defende Tantucci (2018), que assume a intersubjetividade como traço constitutivo dos usos linguístico disposto num *cline*. Assim, ao levarmos em conta que construções lexicais veiculam conteúdos mais referenciais e que as procedurais expressam conteúdos mais abstratos ou lógicos, podemos associar tal distinção à proposta de incremento de intersubjetividade de Tantucci (2018). Com base na proposta do autor, consideramos que construções lexicais tendem a expressar *intersubjetividade imediata*, dado que se voltam para a relação entre interlocutores mais bem definidos ou potenciais, enquanto construções procedurais costumam incluir uma terceira pessoa mais ou menos genérica, rompendo a díade locutor –

interlocutor, num tipo de *intersubjetividade expandida*. Nossos objetos de pesquisa, como construções procedurais atuantes na dimensão discursivo-pragmática, expressam basicamente intersubjetividade expandida.

Em perspectiva funcional-construcional, os usos linguísticos são impactados por três fatores, como destacam Martelotta e Alonso (2012). Um deles é de ordem cognitiva, atinente aos *processos de domínio geral*, nos termos de Bybee (2010) e Diessel (2017). Como preconiza esse fator, nossa cognição, de base experiencial e calcada no comportamento humano, impacta a representação da gramática. Desses processos cognitivos, quatro interessam mais diretamente à pesquisa dos MD: a) a categorização, referente à similaridade entre elementos, o que motiva sua junção numa classe específica; b) a analogização, processo pelo qual produzimos novos enunciados com base em modelos já fixados na língua; c) o *chunking*, ou encadeamento, que diz respeito à vinculação, em termos semântico-sintáticos, de elementos que atuam contiguamente no uso linguístico; d) cognição social, atinente ao foco e ao apontamento dêitico que os interlocutores devem partilhar na interação, monitorando suas declarações e orientando o discurso.

O segundo fator é atinente às pressões de ordem pragmático-discursiva, envolvendo as distintas variáveis que marcam as práticas interacionais. Dessas variáveis podemos citar: perfil dos interlocutores, espaço e tempo da interação, propósitos comunicativos em jogo, gênero discursivo e tipo de sequência tipológica elaborada.

O terceiro fator concerne à pressão da própria estrutura gramatical, ao tipo de organização convencional em que a língua é usada. Esse fator está relacionado diretamente ao mecanismo de metonimização, com destaque para as relações estabelecidas entre os elementos na superfície textual, e ao processo de analogização. É o caso, por exemplo, do português, com os MD formados a partir do pareamento de elemento de base verbal e pronome locativo, codificado por Teixeira (2015) como [VLoc] e especificado em construções como [vá lá], [vem cá], [sei lá], [chega aí], entre outros.

Levando em conta as propriedades e fatores a partir dos quais são classificadas as construções da língua (Traugott e Trousdale, 2013), podemos dizer que os MD aqui tratados são entendidos como construções: a) procedurais, porque veiculam conteúdo mais gramatical, no nível pragmático; b) totalmente especificadas, uma vez que suas partes se encontram preenchidas¹⁰; c) mais ou menos complexas, dado que há construções simples, formadas por somente uma parte, como [olha] e [guarda], e outras integradas por duas subpartes, do tipo [olha bem] e [guarda qua].

¹⁰ Na hierarquia construcional, pareamentos mais altos de virtualidade podem ser codificados com *slots*, que são subpartes abertas, tais como constatamos no português com [SV0], [VLoc] ou [X que], por exemplo.

Na pesquisa contrastiva das construções MD em torno de *olhar* e *guardare*, levamos em conta também contextos ambíguos, que se situam no caminho da convencionalização desses MD, evidenciando a gradiência da língua, como destacada em Bybee (2010). Assim, apropriamo-nos da taxonomia contextual formulada por Diewald e Smirnova (2012), para o tratamento dos estágios de crescente vinculação semântico-sintática. Conforme a proposta das autoras, a mudança linguística se inicia em *contextos atípicos*, nos quais se desencadeiam polissemias; a seguir, em *contextos críticos*, a opacidade passa a ser não somente do nível do conteúdo, atingindo também a forma e componentes pragmáticos; na sequência, consolidam-se os *contextos isolados*, em que a mudança linguística se efetiva e o novo membro da gramática, o MD, se distingue de sua fonte; por fim, as autoras propõem o estágio de *paradigmatização*, no qual o novo item se insere na classe dos MD, como mais um membro que passa a partilhar traços dessa categoria.

Em termos metodológicos, nossa investigação é sincrônica, com foco nos contextos de uso do português e do italiano contemporâneos. Fazemos uma análise eminentemente qualitativa e contrastiva, na detecção de correspondências e distinções entre as instâncias de uso dos MD levantados nas duas línguas, levando em conta relações metafóricas e metonímicas. Tal procedimento eminentemente qualitativo é justificado porque a proposta de comparabilidade das duas línguas em termos de MD constitui uma vertente nova de nossa investigação, um caminho de pesquisa que começamos a trilhar agora. A proposta, portanto, é partir dos resultados já obtidos a partir da investigação de MD formados a partir de *olhar* no português, com base em Sambrana (2021, 2023) e Oliveira e Sambrana (2020), para contrastivamente compará-los com os usos de *guardare* que atuam como MD do italiano, com base em Oliveira e Lazzarotto (2022).

Para a língua portuguesa, trabalhamos com dados coletados de *olhar* e suas flexões nos seguintes *corpora*: Discurso & Gramática (D&G), Norma Linguística Urbana Culta (NURC), *Corpus* do Português (CdP) e Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL)¹¹.

Para a coleta dos dados da língua italiana, utilizamos como *corpus* La Repubblica¹², um jornal diário de grande circulação, integrado por distintas seções – políticas, esportivas e culturais, entre outras. Trata-se de uma fonte da

¹¹ Disponíveis em:

Corpus D&G <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/corpus.html>;

Corpus NURC: <http://www.letas.ufrj.br/nurc.rj/corpora/mapa.html>;

CdP: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>;

PEUL/RJ: <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>;

¹² Disponível em: <https://www.repubblica.it/>

dados suficientemente extensa e representativa, razão pela qual foi por nós escolhida. Para a coleta dos dados no *La Repubblica*, partimos da busca por *guardare* e suas flexões, a seguir, nos restringimos à forma *guarda*, a mais produtiva nesse banco de dados, a expressar o imperativo, na segunda pessoa do singular, ou o presente do indicativo, na terceira pessoa do singular.

Olhar e guardare como marcadores do discurso

Conforme destacamos anteriormente, os verbos *olhar* e *guardare*, em instanciações como (3) e (4), portam traços que os tornam candidatos a um tipo de mudança linguística que motiva sua paradigmaticização (Diewald e Smirnova, 2012) na classe dos MD, conforme ilustramos em (1) e (2), na introdução deste texto. Como membros da nova classe, esses usos passam a compor um tipo de MD que compõe um

esquema construcional convencionalizado a partir de verbos visuais altamente metaforizados, acompanhados ou não de afixoides¹³ de orientação espacial, que ganha *status* de nova construção, ao articular funções procedurais no âmbito da marcação discursiva (Sambrana 2023, 180)

A declaração da autora, com base em sua pesquisa do português, tem abrigo no italiano também, o que reforça a tese, defendida por Bybee (2010, 2015) e por outras fontes, de que mudanças translinguísticas, desencadeadas por processos cognitivos de domínio geral, impactam a configuração da gramática nos mesmos moldes em línguas diversas. Assim, podemos considerar, tal como Sambrana (2021, 14), que nossos objetos de pesquisa constituem MD de *visualização virtual*. Trata-se de construções procedurais, voltadas para o chamamento de atenção, responsáveis pelo monitoramento do discurso, que atuam na expressão da intersubjetividade expandida (Tantucci, 2018).

No português contemporâneo, a forma verbal *olhar* fornece a base para 11 construções¹⁴. São elas: [olha], [olhe], [olhem], [olha aqui], [olhe aqui], [olha aí], [olha lá], [olhe lá], [olha bem], [olhe bem], [olha só]. Dessas, três são formações simples, em torno do elemento verbal somente, em instanciações como as seguintes, extraídas do CdP – século XX:

¹³ Termos semelhantes a um afixo, partilhando propriedades dessa classe, mas ostentando distinções também. Trata-se de subpartes periféricas de construção, com baixa composicionalidade, consequentes de micropassos de mudança linguística.

¹⁴ Com base na concepção teórica de que a construção se define como pareamento convencional de forma e conteúdo, consideramos [olha] e [olhe] como unidades distintas e invariáveis, como MD específicos da língua.

(5) O que eles estão fazendo é correto, é dizer: “*Olha*, vamos assumir a liderança, cada um de seu estado, dê um passo à frente, assume o custo político, mas também vamos botar o Brasil para crescer juntos”.

(6) - eu tô usando uma palavra que veio direto na mente uma espécie - não é nem cicatriz - é uma espécie quase que de ferida na nossa mente - então - a pessoa quer se livrar - *olhe* não existe sentimento pior do que o ciúme - é terrível - a pessoa ciumenta - ela até a mente dela vibrações negativas e começa então a afastar a pessoa que ela mais desejava pra - não é verdade? em conversas na sua própria atmosfera pessoal - na sua insegurança - certo?

(7) - Vocês são assomados... É da idade. Se não se atravessar certas coisas, não se vai mesmo. *Olhem*: eu, logo ao sair da Academia, fui trabalhar com meu pai, no Diário Fluminense.

Como podemos observar, os construtos destacados em (5), (6) e (7) são instâncias de [olha], [olhe] e [olhem] que atuam como MD voltados para o “chamamento de atenção para regular a interação através da manipulação do espaço atencional idealizado virtualmente” (Sambrana, 2023, 184). Tais construtos ocorrem em sequências marcadas por forte componente persuasivo e dialógico, num grau de informalidade acentuada. Esses MD concorrem também para expandir a intersubjetividade dessas sequências, destituindo-se de traços da categoria verbal que lhes serviu de fonte e assumindo traços da classe dos MD.

Em tal função, as construções [olha], [olhe] e [olhem] partilham as propriedades apontadas por Risso, Oliveira e Urbano (2015), no papel de MD *basicamente sequenciadores*, bem como as de Teixeira (2015). Essas construções assumem também as propriedades estabelecidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), uma vez que são estruturalmente invariáveis, atuam fora do eixo sintático oracional, têm especificidade prosódica e se situam no nível pragmático-discursivo, em que locutor convida seu(s) interlocutor(es), orientando sua atenção para pontos específicos do que é veiculado, com vistas à adesão a crenças ou juízos de valor. Dessas três construções, Sambrana (2021) constata ser [olha] a mais produtiva no português contemporâneo, sendo [olhem] a menos frequente.

Os demais MD constituem construções complexas, formadas por duas subpartes, tendo a forma verbal como inicial e nuclear, acompanhada por afixoide, que concorre para a especificação do conteúdo construcional. Estamos nos referindo a padrões de uso como os que se seguem:

(8) Entrevistador: - Poxa! E que você acha assim de mulher jogando futebol, heim?

Falante: - Está, *olha aqui*, eu não sou favorável não. Eu acho que existe o esporte é feminino e o futebol - e a- e o esporte masculino, não é? Eu acho, que - eu acho que é um- porque já- já pensou? Se a mulher vai jogar futebol... (PEUL, XX)

(9) Maria Maruca quis provar aquela comida de pretos. *Olhe lá*... Tome cuidado... - dizia Dentinho de Arroz. Essa gente sabe muita coisa... Podem botar dentro alguma porcaria. Maria Maruca desdenhava: - Eu lá tenho medo de feitiços - Sua cara vermelha brilhava ao sol. Amontoaram-lhe no prato o pirão de milho, e viraram-lhe, ao lado, umas colheradas do ensopado de bofe e coração. (CdP, XX)

(10) “prefiro falar contemporânea... contemporânea e... poxa ela... *olha aí* estou te sentindo... eu estou te transformando na minha plateia né?” (NURC, XX)

Os contextos de (8) a (10) ilustram instanciações das construções MD [olha aqui], [olhe lá] e [olha aí]. Trata-se de um grupo com formação complexa, de *chunks* de conteúdo procedural a serviço da negociação interacional e da orientação discursiva. A segunda subparte dessas construções, relativa ao elemento afixoide, pode ser ocupada por constituinte locativo, como *aqui*, *aí* ou *lá*, conforme ilustrado nos fragmentos (8), (9) e (10), ou por constituinte focalizador, como *bem* ou *só*, em pareamentos como [olha só] ou [olhe bem].

Em tais construções, as subpartes verbal e afixoide se vinculam de tal modo, em termos semântico-sintáticos, que, de fato, constatamos que se trata de um só termo, atuante no nível pragmático. Esses MD se paradigmaticizam, conforme preconizam Diewald e Smirnovam (2012), ampliando o número de membros de MD do português. As mesmas propriedades referidas por Risso, Oliveira e Urbano (2015), Teixeira (2015) e Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) são constatadas nesse grupo de construções MD complexas também.

Comparados tais padrões construcionais com os do italiano, verificamos correspondências. Se [olha] é o MD mais produtivo do esquema no português, o MD [guarda] também é o mais frequente na língua italiana, em contextos como o seguinte:

(11) “Ma alla prossima volta vieni anche tu a consegnare?” - Ha proseguito il pentito - ‘perché l’altra volta c’è stata un’altra persona’. Io gli ho detto: ‘Guarda, non lo so.’/ ‘Mas da próxima vez vem você também a entregar?’ - *proseguiu o arrependido* - ‘porque da outra vez veio outra pessoa’. *Eu lhe disse: “Olha, não sei.”* (La Repubblica)

Em (11), em sequência dialógica e informal, é instanciado o MD [guarda]. Ordenado em posição inicial, separado da estruturação sintática oracional, destituído de traços categoriais verbais, esse elemento orienta a atenção do interlocutor para o espaço atencional conduzido pelo locutor, chamando a atenção ao que este declara – que não sabe se será ele ou não a entregar a mercadoria da próxima vez. Trata-se do mesmo tipo de contexto de uso em que se verificam as instanciações de [olha] no português contemporâneo.

Outra correspondência entre ambas as línguas é a possibilidade de MD complexos em torno de *guarda* como elemento verbal nuclear, em usos do tipo:

(12) NON vuoi fare l' amore con me? *Guarda qua*, io sono stato buono, tu no. Adesso però guardiamo cosa succede, altrimenti big, big, big problem... qua torna la polizia". Nelle intercettazioni della Mobile, e nelle registrazioni nascoste di una delle vittime, ci sono i riscontri ai ricatti sessuali del poliziotto dell' ufficio immigrazione alle donne in attesa del permesso di soggiorno / *NÃO quer fazer amor comigo? Olha aqui, eu fui bom, você não. Mas agora vamos ver o que acontece, do contrário, big, big, big problem...aqui a polícia volta". Na interceptação do celular e nos registros escondidos de uma das vítimas, estão os comentários aos crimes sexuais do policial do ofício de imigração das mulheres em espera da permissão de permanência.* (La Repubblica)

O fragmento (12) ilustra *guarda qua* isolado sintaticamente, formando um *chunk* com alto nível de convencionalização. Nesse MD, *guarda* e *qua* se destituem de traços básicos da categoria verbal e pronominal locativa, respectivamente, para, vinculados, atuarem em prol da marcação do discurso, chamando a atenção do interlocutor para a informação que se segue, em tom de ameaça e advertência. Trata-se de contextos de uso semelhantes aos que detectamos no português em torno dos MD [olha aqui] e [olhe lá], por exemplo.

Outro pareamento convencionalizado no italiano é o MD [guarda um po'], instanciado como em:

(13) "Si può parlare di una 'prima guerra della pizza'? Be', noi facevamo parte dell'Arca del Gusto Slow Food perché usavamo il pomodorino del «piennolo dop», che all'epoca nessuno conosceva. Molti colleghi avevano da ridire, ma poi – *guarda un po'* – come per magia i pomodorini sparivano dal mercato." / *Se pode falar de uma "primeira guerra da pizza?" Bem, nós fazíamos parte da Arca do Gosto Comida Lenta porque usávamos os tomatinhos do «piennolo dop», que na época ninguém conhecia. Muitos colegas davam risadas, mas depois – olha um pouco – como por magia os tomatinhos sumiam do mercado* (La Repubblica).

Em (13), *guarda* vem associado a *un po'*, formando com o *chunk guarda um po'*, que é balizado e destacado por travessões. Esse pareamento se constitui num todo semântico-sintático de função pragmático-discursiva, voltado para a expressão de intersubjetividade expandida, conforme Tantucci (2018). Assim instanciada, tal construção MD atua no convite que o locutor faz a seu interlocutor para que preste atenção num determinado espaço de tempo. Trata-se de um uso altamente convencionalizado, que se volta para a negociação e para o monitoramento da interação.

Por outro lado, o conjunto de construções MD com base em *guardare* é mais reduzido face ao grupo de MD a partir de *olhar* no português. Tal constatação evidencia menor produtividade *type*, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), desse grupo em relação ao português, que conta com mais de uma dezena de pareamentos MD em torno de *olhar*.

No italiano, levantamos certas formações em torno de *guardare* que revelam relativa composicionalidade, o que evidencia usos a caminho da classe dos MD. Trata-se de contextos atípicos ou críticos, segundo Diewald e Smirnova (2012), que constituem etapas de mudança linguística rumo à convencionalização. Estamos nos referindo a sequências como as destacadas a seguir:

(14) Non dimentichiamo che nel Ventesimo secolo, di tutte le rivoluzioni, di tutti i capovolgimenti, il più importante da un punto di vista della vita umana è stato quello che ha portato a un mutamento nella vita delle donne. *Guarda come* è cambiata l'educazione dei figli, l'educazione dei giovani. / *Não esqueçamos que no século vinte, de todas as revoluções, de todas as mudanças, o mais importante, do ponto de vista da vida humana, foi aquela que trouxe mudança na vida das mulheres. Olha como mudou a educação dos filhos, a educação dos jovens.* (La Repubblica)

No fragmento (14), *guarda come* não forma um *chunk* mais efetivo, uma vez que a sequência *come è cambiata l'educazione dei figli, l'educazione dei giovani* pode ser analisada como complemento verbal de *guarda*. Por outro lado, o fato desse complemento ser um objeto abstratizado concorre para que *guarda come* atue na orientação discursiva, no monitoramento da atenção do interlocutor feita pelo locutor. De acordo com Diewald e Smirnova (2012), em (14), estamos diante de um contexto atípico de *guarda* como categoria verbal, por conta da polissemia expressa nesse uso. Tal contexto pode ser interpretado também como um tipo de mudança pré-construcional, como etapa inicial no caminho para a convencionalização de um novo MD na língua.

Outra formação frequente em italiano é aquela em que *guarda che* se encontra justaposto à conjunção contrastiva *ma*, compondo a expressão *ma guarda che*, como a seguir:

(15) Hell Raton a Livorno avrebbe detto a Gramsci: "Sicuro che ti convenga la scissione? Magari per un po' venderai bene, *ma guarda che* alla lunga il pubblico preferisce Turati". / *Hell Raton em Livorno teria dito a Gramsci: "Sicuro que te conviene a cisão? Talvez por um pouco venderá bem, mas olha que a longo prazo o público prefere Turati."*. (La Repubblica)

Em (15), temos *guarda che* atuando como chamamento de atenção para a opinião expressa pelo locutor. Essa opinião, no entanto, é contrastiva em relação à ponderação realizada antes. Assim, forma-se a expressão *ma guarda che*, que admite, em termos metonímicos, ser segmentada como [ma] [guarda che], [ma guarda] [che] ou ainda [ma guarda che]. Estamos, portanto, diante de um de contexto de mudança linguística crítico (Diewald e Smirnova, 2012), em que ambiguidades ao nível do conteúdo e da forma estão presentes.

O tratamento qualitativo dos dados apresentado nesta seção demonstra similaridades e, de outra parte, traços mais característicos das construções MD formadas a partir de *olhar* – no português – e *guardare* – no italiano. As correspondências entre ambas as línguas na convencionalização dessas construções pode ser evidência das marcas translinguísticas de mudança, num viés investigativo que ainda merece ser aprofundado. Por outro lado, as especificidades detectadas podem ser motivadas por propriedades gramaticais de cada uma das duas línguas.

Comentários finais

Os resultados aqui apresentados constituem etapa em desenvolvimento da pesquisa contrastiva entre MD do português e do italiano. Consideramos que os aspetos correspondentes entre os usos pesquisados constituem evidência de gradiência translinguística, como postulada por Bybee (2010, 2015).

Observamos que *olhar* e *guardare*, como verbos de percepção visual em ambas as línguas, em orações transitivas não prototípicas, via mecanismos de metaforização e de metonimização, são recrutados para a formação de MD voltados para o chamamento de atenção, em prol da negociação ou reorientação de sentidos entre locutor e interlocutor(es). Constatamos que, de contextos mais referenciais e lexicais de *olhar* e *guardare*, veiculadores de intersubjetividade imediata, chegamos a contextos mais procedurais e pragmáticos, marcados por intersubjetividade expandida, como defende Tantucci (2018).

Outro traço comum a ser destacado é que os MD levantados podem, em termos estruturais, ser instanciados por construções simples, como [olha] e [guarda], ou por construções complexas, como [olha aqui] e [guarda qua]. No caso das complexas, atua fortemente o processo cognitivo de *chunking* (Bybee, 2010), que concorre para a menor composicionalidade desse grupo.

Como distinção entre os dois conjuntos de MD pesquisados, destacamos até agora a menor produtividade *type* dos MD formados por *guardare*, que se distribuem num grupo de mais estrito de formações face a *olhar*, em português. De outra parte, *guardare*, no italiano contemporâneo, integra várias expressões marcadas por composicionalidade relativa e por ambiguidades semântico-sintáticas, que parecem estar a caminho da convencionalização como MD, na articulação de contextos atípicos ou críticos (Diewald e Smirnova, 2012).

Os aspectos de proximidade e de distinção entre as construções MD formadas por *olhar* e *guardare* aqui apresentados e analisados ensejam a continuidade da pesquisa. É relevante investigarmos, numa perspectiva translinguística, ainda pouco assumida pelos estudos em viés construcional, como essas construções são instanciadas em duas línguas neolatinas, que têm, a par de sua origem comum, especificidades em distintos níveis, desde o histórico e experiencial até o gramatical. Trata-se, portanto, de uma agenda que se abre aos pesquisadores funcionalistas voltados para o tratamento construcional da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Biber, Douglas et al. 1999. *Longman grammar of spoken and written English*. Harlow, Essex: Pearson Education.
- Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press.
- Bybee, Joan 2015. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Croft, William. 2001. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunha Lacerda, Patrícia. 2016. “O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas”. *Linguística*. Volume especial, (dez): 83-101.
- Diessel, Holger. 2017. Usage-based linguistics. Em *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, editado por Mark Aronoff. New York: Oxford University Press, 1-26.
- Diewald, Gabriele e Eleonora Smirnova. 2012. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. Em *Grammaticalization and language change – new reflections*, editado por Kristin Davidse et al. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 111-131.
- Fraser, Bruce. 1988. Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 38, 19-33.
- Fraser, Bruce. 1990. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, v. 4, n. 3, 383-398.

- Furtado da Cunha, Maria Angélica, Edvaldo Bispo e José Romerito Silva. 2013. "Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas". Em *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*, editado por Maria Maura Cezario e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 13-40.
- Goldberg, Adele. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Goldberg, Adele. 1995. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Ghezzi, Chiara. 2012. "Marcatori interazionali da verbi di percezione in italiano contemporâneo". Em *Anais da Conferência Internacional de Estudos de Craiova*. Craiova: Editura Universitaria Craiova, 136-146.
- Heine, Bernd, Gunther Kaltenböck e Tania Kuteva. 2019. "On the rise of discourse markers". *Researchgate*. Preprint, 1-25.
- Hilpert, Martin. 2014. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Hopper, Paul e Elizabeth Traugott. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huddleston, Rodney, Geoffrey Pullum e Peter Peterson. 2002. "Coordination and supplementation". Em *The Cambridge Grammar of the English Language*, editado por Rodney Huddleston e Geoffrey Pullum. Cambridge: Cambridge University Press, cap. 12, 1031-1096.
- Ilari, Rodolfo (org.). 2002. *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, v. II, 181-198.
- Martelotta, Mário Eduardo, Sebastião Josué Votre e Maria Maura Cezario. 1996. (orgs). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- Martelotta, Mário Eduardo e Karen Sampaio Alonso. 2012. "Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua". Em *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*, editado por Edson Rosa de Souza. São Paulo: Contexto, 87-106.
- Molinelli, Piera. 2013. "Orientarsi nel discorso: segnali discorsivi e segnali pragmatici in italiano". Em *Discorso e cultura nella língua e nella literatura italiana*. Craiova: Atti del V Convegno Internazionale di italianistica dell'Università di Craiova. Franco Cesati Editore, 195-208.
- Oliveira, Mariangela Rios e Ivo da Costa do Rosário. 2015. *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj.
- Oliveira, Mariangela Rios e Maria Maura Cezario. 2017. *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Editora da UFF.
- Oliveira, Mariangela Rios e Vania Rosana Mattos Sambrana. 2020. "Neoanálise e analogização na formação de marcadores discursivos do português". *Estudos da Língua(gem)*, v. 18, n. 1, 25-44.
- Oliveira, Mariangela Rios e Maria Gabriella Lazzarotto. 2022. "Olha e guarda como marcadores discursivos do português e do italiano – indícios de mudança translinguísticas". *Revista Prolíngua*, v. 17, n. 1, 30-45.

- Risso, Mercedes, Gisele Machline e Hudinilson Urbano. 2002. “Marcadores discursivos”. Em *A construção do texto falado*, editado por Clélia Spinardi Jubran, 371-482. São Paulo: Contexto.
- Rosário, Ivo da Costa e Mariangela Rios de Oliveira. 2016. “Funcionalismo e abordagem construcional da gramática”. *Alfa*, n. 60, v. 2, 233-259.
- Sambrana, Vania Rosana Mattos. 2021. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense.
- Sambrana, Vania Rosana Mattos. 2023. “Construcionalização de marcadores discursivos formados por olhar e ver no português”. Em *Articulação do espaço no português – uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional*, editado por Mariangela Rios de Oliveira. São Paulo: Pontes Editores, 179-212.
- Scheibman, Joanne. 2000. “Local patterns of subjectivity”. Em: *Frequency and the emergence of linguistic structure*, editado por Joan Bybee e Paul Hopper. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 61-90.
- Schiffrin, Deborah. 1987. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tantucci, Vittorio. 2018. “From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development”. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1-31.
- Teixeira, Ana Claudia Machado. 2015. *A construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense.
- Traugott, Elizabeth. 2021. “A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers”. *Cadernos de Linguística*. Abralín, v. 2, n. 1, 1-25.
- Traugott, Elizabeth. 2022. *Discourse structuring markers in English*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Traugott, Elizabeth e Richard Dasher. 2002. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Traugott, Elizabeth e Graeme Trousdale. 2013. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press.
- Vincent, Diane, Sebastião Josué Votre e Marty Laforest. 1993. “Grammaticalisation et postgrammaticalisation”. *Langues et Linguistique*, Québec: Université Laval, n. 19.

Corpora

Corpus D&G: <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/corpus.html>

Corpus NURC: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc.rj/corpora/mapa.html>

Corpus do Português: <http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>

Corpus PEUL/RJ: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>